

Empréstimo 'sufoca' aposentados e deixa 60% deles superendividados

Estimativa é do Sindicato Nacional dos Aposentados em Bauru, que se depara com pessoas sem condição mínima de negociação

MARCELE TONELLI

As ofertas são as mais tentadoras possíveis: ter o quanto se precisa ou até mais com rapidez e parcelas baixas, a perder de vista. Com as menores taxas de juros do mercado, o empréstimo consignado se apresenta como uma das formas mais vantajosas de financiamento pela facilidade do dinheiro na mão. No entanto, o uso indiscriminado deste tipo de crédito tem "sufocado" especialmente consumidores aposentados, que acabam comprometendo por anos quase todo seu orçamento. O Sindicato Nacional dos Aposentados (Sindnapi), em Bauru, estima que 60% dos aposentados em Bauru estão, atualmente, superendividados: vivem até no negativo por não terem preservado de dívidas uma margem mínima do salário para sustento.

A análise é feita com base nos números de atendimentos realizados por uma cooperativa de crédito, vinculada ao sindicato, e que atende aposentados, idosos e pensionistas de Bauru e região, sócios ou não associados. Ela oferece taxas de juros inferiores aos aplicados por financeiras e bancos, mas só empresta se houver margem para pagamento.

"A cooperativa foi fundada justamente para tirar essas pessoas das dívidas, mas, muitas vezes, não temos conseguido atingir esse objetivo, porque 60% dos aposentados que chegam aqui, infelizmente, não possuem sequer uma margem mínima para emprestar mais nada. A situação é calamitosa: as pessoas têm feito dívidas e empréstimos comprometendo até os últimos centavos do salário e vivendo no cheque especial", explica José Carlos Pereira, coordenador municipal do Sindnapi.

O sindicato tem atendido uma média de 20 pessoas por mês, sendo 20% não associados. E, de cada 10 extratos do INSS analisados, apenas quatro teriam condições de empréstimos por possuírem alguma margem disponível.

"A maioria dos pretendentes não tem nem R\$ 10,00 livres para uma parcela. São pessoas que ganham um salá-

SEM ACORDO

Falta da regulamentação de lei tem impedido o Procon de ajudar superendividados a negociarem dívidas

rio mínimo, em média, e que têm sofrido com os impactos causados pelo aumento de tudo no supermercado, por exemplo. Tem gente que liga todo mês no sindicato para saber se já atingiu alguma margem para emprestar. Aliás, chove de ligações quando o governo anuncia algum reajuste na aposentadoria. É uma realidade triste e lamentável", narra José Carlos, considerando que a situação é geral no País e não se limita à regional de Bauru.

PERFIL

A maioria dos superendividados que chega ao Sindnapi para tentar empréstimos é formada por idosos que alegam precisar do dinheiro, quase sempre, para ajudar filhos e netos.

"São aposentados que, por vezes, estão sustentando a casa e comprometidos com dívidas por quatro ou cinco anos. Atendi pessoas que queriam emprestar dinheiro, mesmo sem poder, para dar carro ou consertar carros de filho ou neto", pontua José Carlos.

Ele explica que todos os atendidos são orientados a não aderir a consignados ou dívidas que comprometam todo o orçamento. "É complicado, porque a oferta aí fora é tentadora e há locais que emprestam dinheiro a perder de vista, mesmo se a pessoa não tiver mais margem", comenta o coordenador do Sindnapi. Essa crítica situação, inclusive, pode piorar e atingir público maior, uma vez que o governo federal anunciou a concessão de empréstimo consignado para quem recebe o Auxílio Brasil.

LEI

Em julho do ano passado, uma lei específica foi aprovada no País para tentar ajudar esses consumidores que não



Marcelo Torelli

Sem preservar margem mínima do salário para sustento, aposentados têm vivido no negativo por conta de dívidas contraídas



Sindnapi/Divulgação

"A situação é calamitosa: as pessoas têm feito dívidas e empréstimos, comprometendo até os últimos centavos do salário e vivendo no cheque especial", alerta José Carlos Pereira, coordenador municipal do Sindnapi

Dívidas no comércio

Marcada por sua forte atuação no setor comercial, Bauru fechou abril deste ano com um saldo de inadimplência no comércio no total de R\$ 41,5 milhões. São débitos que resultaram na inscrição ou manutenção do nome de 39,7 mil pessoas, sejam aposentadas ou não, no cadastro do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC).

"As dívidas têm valor médio de R\$ 1,2

mil, que é o mesmo valor do salário mínimo, mas não sabemos quantas dessas pessoas podem ser consideradas superendividadas", comenta o consultor Jurídico da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), Elion Pontechelle Junior. "O que sabemos é que a inadimplência era menor antes da pandemia. A dívida não superava R\$ 33 milhões e os devedores não passavam de 29 mil inscritos", compara.

conseguem mais arcar com suas necessidades básicas porque as dívidas fugiram do controle.

Além de estipular limites de dívida, a Lei do Superendividamento favorece as negociações entre as partes, respeitando o chamado mínimo existencial, compreendido como a quantia que a pessoa precisa para subsistência.

Ocorre que, quase um ano depois de sua promulgação, a lei ainda não foi regulamentada pelo governo federal dada à falta de definições sobre qual seria esse valor mínimo.

PROCON

Sem a regulamentação da lei, o trabalho de órgãos como o Procon, responsável pelas conciliações na esfera administrativa, tem derrapado.

Em Bauru, por exemplo, o Procon oferece o Programa de Apoio ao Superendividado, mas nenhum caso terminou em acordo até hoje, porque todos os pretendentes, aposentados ou não, já chegam sem margem salarial alguma para negociação com credores.

"Recebemos até três pedidos no mês, mas são de pes-

soas com saldo negativo, sem dinheiro nem para comer. E a lei diz que é preciso ter um mínimo existencial para que o Procon possa atuar. Com R\$ 5,00 de saldo positivo já conseguiríamos tentar um acordo", explica Aline Nardo, supervisora do Procon municipal.

Sem essa margem, os casos são arquivados. "Aí o que fazemos é orientar a pessoa a procurar a esfera judicial, por meio do Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania (Cejusuc)", finaliza ela.

‘Eu vou morrer pagando isso tudo’

Frase é do aposentado Paulo Neves; ele e a pensionista Leonéia Pompeu relatam dificuldades por conta dos empréstimos

MARCELE TONELLI

Aposentado, Paulo Neves, 74 anos, viu sua renda reduzir drasticamente após perder o emprego como professor em uma escola de Bauru. E, para acertar contas que começaram a atrasar, ele acabou aderindo ao empréstimo consignado. Nos primeiros momentos, o dinheiro fácil na mão gerava alívio e ajudava a resolver pendências mais urgentes. Mas, com o passar do tempo e as negativas para angariar nova renda extra, a adesão às ofertas de consignados cresceram cada vez mais para manter minimamente o padrão de vida, o que acabou comprometendo boa parte da renda do aposentado, atualmente de até dois salários mínimos.

Quatro anos depois, Neves, que é professor de teatro e de História do Brasil, ainda tem 30% da renda vinculada ao consignado e tem dependido da ajuda dos filhos para fechar as contas do mês e se manter.

“Eu tinha um salário bom, acumulava funções e foi difícil quando a renda caiu de uma vez. Procurei outras oportunidades, mas ninguém mais contrata professor acima dos 70 anos. Com isso, cheguei a ter 13 consignados no meu nome. Entrei nessa porque os valores das parcelas eram baixos, entre R\$ 70,00 e R\$ 100,00. Acreditei que não fosse fazer tanta diferença, mas virou uma bola de neve. Hoje, tenho empréstimo de 30 anos. Eu vou morrer pagando isso tudo”, critica.

Para ele, ao ficar idosa, a

“Pouco a pouco, comprometi quase toda a minha renda com empréstimos consignados. Se eu pudesse voltar no tempo, faria diferente”
Leonéia Pompeu

peessoa se torna vulnerável. “É preciso saber lidar com o consignado para não virar um pesadelo, porque as ofertas são tentadoras. Só hoje eu vejo o quanto aprendi, porque não sobra nada da minha aposentadoria. Nem dinheiro para exames de saúde eu tenho ultimamente. Até para uma simples ida ao mercado tenho dependido de ajuda”, acrescenta.

Neves ressalta, no entanto, ter a esperança por dias melhores com a reabertura da escola de teatro da família, que entrou em reforma durante a pandemia e tem previsão de reabrir em agosto deste ano.

“Eu nunca dependi dos meus filhos, pelo contrário, sempre ajudei no que pudesse a quem fosse, porque nunca fui apegado a dinheiro. Mas, eu sou um sonhador e acredito que as coisas irão melhorar”, projeta Paulo Neves.

ATÉ O LIMITE

Pensionista, Leonéia Pompeu, 44 anos, também tem a renda comprometida pelo consignado. De um salário mínimo que ela recebe, apenas R\$ 420,00 restam

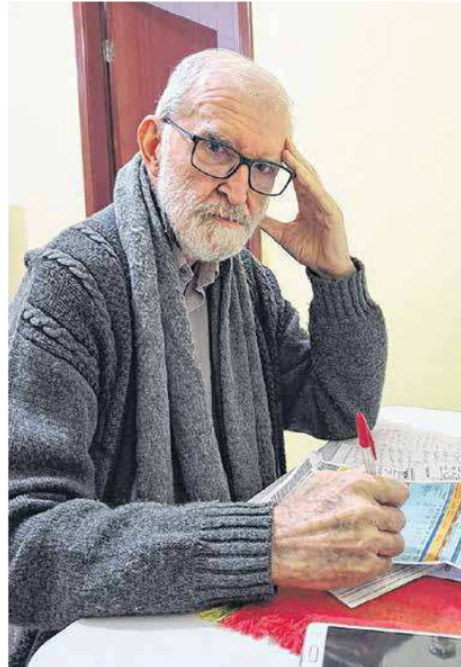
para contas diárias e alimentação dela e do atual marido, que ficou acamado após um AVC.

Ela conta ter entrado para o mundo dos empréstimos para montar um bar, há cerca de 16 anos. Por uns bons anos, o negócio deu certo. A família até comprou carros novos. Mas há três anos, outros bares abriram na mesma rua e o fluxo de clientes caiu drasticamente.

Como forma de tentar salvar o negócio, Leonéia passou a investir para não quebrar. Porém, no mesmo ano, o atual marido dela teve um AVC, que deixou graves sequelas, e o bar fechou.

“Fui até o limite para montar e depois para salvar o bar, comprometi meu nome. Hoje, tenho cinco empréstimos, com parcelas entre R\$ 50,00 e R\$ 200,00. Acredito que essas dívidas cheguem a uns R\$ 15 mil no total. Temos dependido da ajuda do meu filho de 16 anos, que trabalha como aprendiz, e de doações para conseguir viver”, comenta a mulher. Em três anos, alguns empréstimos terminam e ela planeja passar a vender doces caseiros para tentar angariar renda extra e melhorar a situação da família.

“Pouco a pouco, comprometi quase toda a minha renda com empréstimos consignados. Se eu pudesse voltar no tempo, faria diferente. Não tem nada melhor que pagar as contas com o dinheiro do mês e conseguir dormir em paz. Hoje, com o preço que as coisas estão, nem carne a gente come mais, tem sido só ovo”, finaliza.



Paulo Neves chegou a ter 13 consignados e se arrepende: “entrei nessa porque os valores das parcelas eram baixos”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Renda Comprometida **Página:** 10 e 11